

Olhares de Encarregados de Educação sobre a avaliação

Numa revista onde se pretende discutir e refletir sobre a avaliação pedagógica, nomeadamente concepções existentes, significados de conceitos-chave, e práticas letivas e de formação, procurámos incluir os intervenientes mais diretos no processo: educadores/professores e alunos. Mas ficaria certamente incompleta se não procurássemos ouvir também os encarregados de educação, em particular o que pensam sobre as práticas avaliativas em matemática dos seus educandos. Para tal, foram recolhidos diversos depoimentos que aqui apresentamos.

Esses depoimentos foram ordenados pelo ano de escolaridade que cada educando frequenta. No final de cada um, é ainda indicada a profissão do encarregado de educação e o nível de aproveitamento escolar em matemática do seu educando.

Todos os encarregados de educação contactados aceitaram prontamente contribuir para este número da revista. Os nossos sinceros agradecimentos.

MAIS DO QUE NÚMEROS E RESULTADOS - A IMPORTÂNCIA DO *FEEDBACK* NA AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

Já fui aluna e reconheço que a avaliação é hoje muito diferente do que foi na minha altura (e não foi assim há tanto tempo). Hoje como mãe/ encarregada de educação noto uma grande evolução, sobretudo com a vinda da Flexibilidade Curricular que, no caso da turma da minha filha, acabou por ser apenas uma formalização do que já era feito pela professora.

A utilização do Plano Individual de Trabalho (PIT), do Tempo de Estudo Autónomo ou das Parcerias tem um efeito brutal no desenvolvimento dos alunos, estimulando a aprendizagem, mas acima de tudo promovendo a capacidade de organização; a possibilidade de trabalhar áreas que mais gosta e pelas quais naturalmente terá mais interesse e motivação; a promoção do trabalho de equipa ou de pares, em que precisam aprender a respeitar e a ouvir os outros, a discutir e a encontrar uma solução que seja do agrado de todos; o desenvolvimento da forma como se expressam, como contam uma história ou relatam uma aventura, como organizam o pensamento e conseguem trabalhar a comunicação e a exposição de ideias e temas de uma forma impressionante para alunos de 7-8 anos! E finalmente, não menos importante, aprendem a refletir sobre a forma como trabalham, através da autoavaliação no PIT semanal, que os obriga a reconhecer onde estiveram menos bem – e é incrível ver a forma consciente, por vezes até demasiado exigente consigo própria, como analisa o seu trabalho da semana. A inclusão do comentário dos pais é também muito importante, na medida em que reforça que este tem de ser um processo partilhado – professora, através de instrumentos e conteúdos; alunos, com empenho e trabalho nas aprendizagens; pais, no suporte e apoio que devem dar, não fazendo por eles, mas antes, motivando para que sejam capazes e autónomos e o mais cedo possível.

Tem sido incrível assistir a esta evolução, a esta aprendizagem participativa, que no início causa alguma estranheza, pela

quantidade de siglas e expressões que não são do “meu tempo” mas que depois se instala e que comprova de que o saber ler e escrever são importantes, sem dúvida, mas que a forma como o aprendem a fazer... faz toda a diferença! Também ajuda (e muito) o facto da professora deixar de ser uma ‘figura’ austera por quem se sentia muito respeito, por vezes até medo, para ser simplesmente a Professora, com quem falam naturalmente, sem medos mas com respeito, com quem definem tarefas e estabelecem objetivos, com quem combinam estratégias e preparam apresentações de produções, com quem constroem histórias e dão asas à imaginação!

Sem dúvida, novos tempos e novos desafios que nunca imaginámos abraçar de forma tão intensa, como a imposição do Ensino à Distância... também aqui a capacidade que a escola teve, em particular a professora da minha filha (tenho de o sublinhar!), que desde o 1.º momento montou um esquema de aulas online, com horários e planos de trabalho ajustados para que, apesar da distância física imposta, os seus alunos nunca se sentissem separados da Escola, dos colegas mas também das aprendizagens. Foi duro para todos, professores, alunos mas também famílias que se tiveram de adaptar a uma realidade desconhecida e inesperada, com logísticas complicadas, aprendendo a gerir toda a ansiedade e angústia com estados de saúde, com níveis de risco, com alteração de rotinas, mas também com o medo do impacto disto tudo na avaliação da escola. Mais do que passar ou chumbar, a preocupação centra-se no impacto que isto tudo terá no futuro. Na escola fora da sala da minha filha, no modelo de ensino padrão que persiste nos ciclos que se seguem, em que o foco nas notas e nos testes continua a ter mais valor do que a capacidade de organização, de exposição, de argumentação, de pensamento crítico e acima de tudo, no ritmo e especificidades de cada aluno...

Como mãe e encarregada de educação tenho perfeita noção de que o mais importante que a avaliação pode dar à minha filha é (ou deveria ser) o *feedback* que representa, não as notas ou as médias, mas sim aquilo que significam. E esse significado só

existe se houver a capacidade da escola/ professores chegarem aos alunos e aos pais (por esta ordem!).

Telma Peres, gestora de projetos em Marketing e Comunicação, educanda frequentava o 2.º ano de escolaridade, classificação de Bom a matemática.

UM OLHAR SOBRE A AVALIAÇÃO PEDAGÓGICA NO 1.º CICLO

O meu filho, de quem sou encarregada de educação, frequenta, neste momento, o 4.º ano de escolaridade, tendo feito todo o seu percurso escolar, na parte correspondente ao ensino básico, na escola pública.

Ele é bastante bom aluno, incluindo na área da matemática, o que naturalmente facilita o meu acompanhamento das suas atividades escolares. Sem prejuízo, como encarregada de educação, a minha opinião sobre estes últimos três/quatro anos de ensino do meu filho é globalmente bastante positiva.

No que concerne em especial à avaliação dos alunos, é utilizada para o efeito uma escala qualitativa e não quantitativa, o que me parece bastante mais consentâneo com a linguagem utilizada pelas crianças e, como tal, de mais fácil compreensão por estas, para além de, na minha opinião, ser mais indicado para estimulá-las e apontar caminhos de melhoria, o que creio ser o fundamental nesta fase.

Valorizo igualmente a circunstância de na avaliação serem considerados vários fatores da aprendizagem dos alunos: testes, comportamento, trabalhos de grupo, participação na aula... Na verdade, estes últimos têm vindo a ganhar relevância, na medida em que o número de testes realizados pelos alunos tem vindo a diminuir, ganhando preponderância outras formas de testar as aprendizagens adquiridas.

Enquanto encarregada de educação, entendo esta gradual mudança na avaliação como algo positivo, permitindo, nomeadamente, um alargamento da informação recolhida para efeitos de avaliação, tornando esta, no meu prisma, mais rica, completa e provavelmente mais fiel ao verdadeiro nível de aprendizagem de cada aluno.

Em contrapartida, e no que respeita em concreto ao tipo de informação que é transmitida através da avaliação aos alunos e seus encarregados de educação, creio que poderia ser ligeiramente enriquecida. Por exemplo e no que ao plano da matemática releva, dizer que o aluno tem Bom a “números e operações”; Muito Bom a “geometria e medida”; ou Suficiente a “organização e tratamento de dados” pouco elucida sobre as metas que se pretendiam que fossem alcançadas (mesmo quando alcançadas pelo aluno) ou sobre as suas dificuldades concretas. Na minha ótica, estas notas meramente conclusivas deveriam vir acompanhadas de breves explicações ou de observações sobre o aluno, permitindo uma melhor compreensão sobre o trabalho realizado durante o período avaliado e, se for o caso,

sobre o que se revela adequado para um melhor aproveitamento do aluno e melhor integração deste no meio escolar.

Tal não obsta nem substitui, naturalmente, outros tipos de inter-relação entre o aluno e professor ou entre encarregado de educação e professor/escola, que servirão para uma maior troca de informação sobre o percurso de cada aluno. Sem prejuízo, para mais em turmas de primeiro ciclo em que cada professor titular tem apenas uma turma e que, em regra, por força da idade das crianças, há um maior acompanhamento destas por parte dos seus pais, justificar-se-ia um ligeiro enriquecimento da informação prestada aos avaliados e seus encarregados de educação, em especial no que tange às avaliações intercalares, tornando esse momento não apenas numa fase meramente conclusiva quanto à existência, ou não, de aproveitamento escolar.

Rita Cunha Leal, advogada, educando frequentava o 3.º ano de escolaridade, classificação de Muito Bom a matemática.

COLABORAÇÃO: PROFESSORES, ALUNOS, PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

“Tell me and I forget, Teach me and I remember, Involve me and I learn.”

Benjamin Franklin

Em março de 2020, tal como tantas escolas, também a escola da minha filha de 11 anos encerrou. Depois de uma fase inicial de férias antecipadas, a ansiedade e as dúvidas começaram a surgir. Como seria o 3.º período e de que forma os professores iriam comunicar com os alunos? Como iria decorrer o processo ensino-aprendizagem tendo os professores de concretizar as suas ações pedagógicas? E a avaliação, como seria realizada? Com a minha experiência, ainda que apenas no ensino superior, não teria dificuldades em acompanhar e auxiliar a minha filha nas tarefas e atividades propostas pelos professores. Por um lado, a avaliação nunca foi uma preocupação, dado que a minha filha não tinha dificuldades, por outro lado, sabia que o último período do ano letivo seria pequeno, dadas as adaptações que a pandemia exigiu e por isso teríamos de simplificar tudo.

Tenho consciência que a minha filha é privilegiada. Tem os meios necessários (computador, tablet, telemóvel), o ambiente em casa adequado, pais licenciados e com a possibilidade de estarem ambos em teletrabalho podendo também ajudá-la e orientá-la.

Apesar de tudo, como mãe atenta que sou, o bem-estar emocional da minha filha Leonor foi, naquele momento, algo que me preocupou. Criança responsável, empenhada e interessada, com um enorme gosto pela escola, porém introvertida, tímida e sempre receosa de expor as suas ideias ou dúvidas ou sequer tomar a iniciativa de falar, sem que o professor a questione. Como seria a sua adaptação? Será que as suas dificuldades se iriam intensificar?

No período inicial de pandemia a comunicação entre diretor de turma, pais e encarregados de educação da turma foi o

vetor mais importante para que tudo se desenrolasse de forma muito satisfatória. Os professores do conselho de turma (CT), apesar dos pontos de vista diferentes em termos de utilização da tecnologia na aprendizagem e ensino, conseguiram reagir bem ao novo cenário do trabalho, mudar rapidamente e obter resultados. Sinto que, apesar das dificuldades, a pandemia aproximou mais os pais e professores, e trouxe um maior reconhecimento à profissão de professor.

No que diz respeito à avaliação, a escola manteve os critérios de avaliação definidos no início do ano letivo: 70% para o domínio cognitivo e 30% para as atitudes e valores (subdividida em 6% para a responsabilidade e integridade, 6% para a excelência e exigência, 6% para a participação, socialização, educação e cidadania, 6% para a autonomia, curiosidade, reflexão e inovação e por último 6% para a liberdade, comportamento e espírito crítico). A totalidade dos professores do CT da minha filha, neste 3.º período, puseram de lado os testes sumativos e a avaliação passou a ocorrer de uma forma contínua e com um carácter formativo. Alguns professores fizeram uso de ferramentas digitais facilitadoras da aprendizagem (formulários, Quizzes, Kahoot, Padlet, vídeos, plataformas de ensino online, etc.), outros utilizaram fichas de trabalho e trabalhos de casa do manual escolar. Foi um esforço gigantesco dos professores conseguirem transformar a adversidade em oportunidades para novas aprendizagens, dando provas de uma enorme capacidade de resiliência. Se é verdade que ficaram matérias por lecionar e que existem diferenças quando o ensino é presencial ou online, também é verdade que o mais importante não se perdeu: a relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem. E essa relação foi fundamental para que a Leonor conseguisse ultrapassar os seus receios e as suas dificuldades em expor as suas ideias e opiniões. Ao longo do tempo foi conseguindo evoluir quer na autonomia na realização das tarefas escolares quer na utilização de toda a tecnologia.

No que a mim me diz respeito só posso elogiar o trabalho dos professores da minha filha que nunca deixaram de lhe dar *feedback* sobre a evolução da sua aprendizagem quer por email, quer em cada atividade enviada. Recordo que, para a minha filha, aqueles professores que enviaram *feedback* contínuo e assertivo, ao longo de todo o período, mantiveram a sua atenção e foco na aprendizagem, e foi nessas disciplinas que senti haver aprendizagens mais significativas. Gostaria que a avaliação para as aprendizagens, formativa e reguladora e o *feedback* regular e assertivo não ficassem esquecidos naquele tempo. Tenho a certeza de que todas as aprendizagens para professores, alunos, pais e encarregados de educação foram significativas e valiosas e espero que em tempos pós-pandemia não se esqueçam dos ganhos obtidos nesta fase em tantas vertentes tão negativa.

"A única forma de chegar ao impossível, é acreditar que é possível."

Lewis Carroll, in "Alice no País das Maravilhas"

Mariana Dias, docente do ensino superior, educanda frequentava o 5.º ano de escolaridade, nível 5 a matemática.

POR UMA UTILIZAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO MAIS DIVERSIFICADOS

Como encarregada de educação de uma adolescente a frequentar o 11.º ano de escolaridade, a minha perceção da avaliação do ensino da matemática é a de que a maioria dos professores utiliza a observação, os testes escritos e o questionamento oral em aula. Destes instrumentos de avaliação a minha perceção é a de que os docentes valorizam mais o teste escrito, pelo que seria útil os professores procurarem formas mais diversificadas de recolha de dados para a avaliação dos alunos, recorrendo para além dos testes a relatórios e outros trabalhos, bem como a desempenhos orais dos alunos, procurando formas práticas e eficazes de registo desses dados de forma a viabilizar uma avaliação formativa mais sistemática.

No ano letivo anterior, a avaliação durante o período da pandemia, em que o ensino se realizou a distância, foi substancialmente diferente. No final do segundo período, que correspondeu ao início do confinamento, o docente enviava fichas com exercícios para os alunos realizarem, com as respetivas resoluções. Disponibilizava ainda vídeos explicativos de algumas matérias para os alunos visionarem. As dúvidas eram esclarecidas na aula síncrona, de entre as três aulas semanais de 100 minutos (duas eram assíncronas). Os alunos tiveram ainda de realizar um conjunto de exercícios na Khan Academy, que lhes dizia se o que tinham feito estava certo ou errado. Tinham ainda de explicar os exercícios por escrito, identificando as dificuldades que tinham sentido. A avaliação foi feita com base em todo este trabalho e também com o conhecimento que o docente já tinha dos alunos do primeiro período. Acresce que os critérios de avaliação foram alterados no 3.º período pelo grupo de matemática, para ajustar ao ensino a distância.

Concluo afirmando que vejo a matemática como essencial, em todas as áreas da vida, sendo uma disciplina que via de regra não tem a devida valorização pelos alunos.

Vanda Zuzarte, advogada, educanda frequentava o 10.º ano de escolaridade, classificação de 17 valores a matemática.

MALDITA MATEMÁTICA!

O meu filho frequentou, no ano letivo 2019-2020, o 12.º ano, na área das Ciências e Tecnologia. Teve o mesmo professor de matemática durante os 3 anos do ensino secundário. A avaliação das aprendizagens em matemática centrava-se sobretudo numa avaliação de carácter sumativo: 2 testes, com peso de 70% e 2 fichas, com peso de 25%, por período, elementos de avaliação aguardados com muita apreensão por ele e pelos colegas. Não raras vezes, após dias de estudo intenso, apoiado por um explicador, também ele professor de matemática externo à escola, a saída da sala de aula, após a realização destes testes ou fichas, era invariavelmente marcada pela sensação "correu bué da mal". Para alguns colegas, esta sensação chegava ao desespero

e era frequente a saída da sala de aula em choro convulsivo. A correção do teste nunca trazia um verdadeiro *feedback* do professor, sendo analisado com o meu filho, posteriormente, com o professor explicador. Ao longo do ano, os alunos faziam também trabalhos de casa. Estes valiam 5%, sendo estes 5% divididos também pelo comportamento na sala de aula. Os trabalhos de casa nunca eram alvo de uma correção individual; eles eram corrigidos na sala de aula para todos. O professor fazia uma ronda pelas mesas, certificando-se de quem tinha ou não tinha feito estes trabalhos de casa, mas em momento algum os trabalhos elaborados pelos alunos eram alvo de algum *feedback* de carácter individual. O período do confinamento foi uma verdadeira e olímpica preocupação. O professor desapareceu completamente, não lecionou via plataformas informáticas e só deu sinal de vida na segunda semana de maio. Valeu-nos o explicador de matemática que nunca abandonou o meu filho, dizendo-nos que se ele não continuasse a trabalhar teria sérias dificuldades em fazer o exame de matemática de 12.º ano. Para este maldito exame se trabalhou durante todo o ensino secundário; ele constituiu-se como uma espada sobre as nossas cabeças, assombrando estes anos de escolaridade e a vida na escola. Pelo menos, para o meu filho e para muitos dos seus colegas!!

Ângela Balça, docente do ensino superior, educando frequentava o 12.º ano de escolaridade, classificação interna de 12 valores a matemática, classificação de 15 valores no exame.

PORQUÊ A AVALIAÇÃO? – PERSPETIVA DE UMA ENCARREGADA DE EDUCAÇÃO

Durante uma grande parte do meu percurso escolar, que decorreu integralmente durante o século passado, os momentos de avaliação foram essencialmente momentos de grande tensão que muitas vezes traziam um sentimento de frustração. Lembro-me de pensar “porque é que isto tem de ser assim?” ou “para que é que isto realmente serve?”, e de no final ficar sempre com a sensação, mesmo quando os resultados eram bons, de que aquilo não refletia exatamente o que eu sabia. Até porque qualquer estudante sabe que há sempre forma de fazer batota e, muitas vezes, na comparação com os outros (uma quase fatalidade na forma como tradicionalmente a avaliação é aplicada) está presente um sentimento de alguma injustiça.

Com a chegada do ano 2000 estreei-me na maternidade, com repetição da mesma alegria em 2005, e chegou o maior desafio da minha vida: educar da melhor forma possível (também se pode ler “sem estragar muito”) os meus filhos. Neste processo, desde muito cedo, procurei que a relação deles com a escola fosse a melhor possível. Em concreto, a minha preocupação central sempre foi, acima de tudo o resto, que sentissem curiosidade sobre tudo o que os rodeava e fundamentalmente que gostassem de apreender. E, tendo este pressuposto, teria de os “avisar” em relação aos momentos de avaliação. Como ensiná-los a lidar com a avaliação?

Acho que, de forma mais ou menos consciente, procurei “naturalizar” os momentos de avaliação, não lhes ocultando que eram momentos que iam servir para que outros – desde logo, os professores – percebessem o que eles tinham aprendido e que isso era feito através das “notas”, mas que, mais importante, também os podiam ajudar a entender o que estavam a aprender melhor ou pior, ou seja, podia ajudá-los a perceber aquilo em que não tinham tanta facilidade e podiam melhorar. Tive sobretudo o cuidado de os alertar para o aspeto que, para mim, era o mais negativo da avaliação: o da competição subjacente à classificação quantitativa associada a um momento – “o teste”, infelizmente ainda a norma no nosso sistema educativo. E aqui, procurei transmitir essencialmente duas coisas: 1) os testes não definem tudo o que sabemos ou não sabemos e, por isso, as notas também não definem o que valemos; e 2) não somos melhores que os outros ou pior do que os outros porque temos “boas notas” ou “más notas”. Cada um de nós é diferente dos outros, há coisas em que somos melhores e outras em que somos piores e é assim para todas as pessoas.

Felizmente para mim, acho que eles compreenderam esta mensagem, ainda que a tenha transmitido também com outra igualmente importante: devemos trabalhar para estar à altura das nossas capacidades e não ter medo de falhar, porque isso significa que podemos sempre aprender mais e melhor. Felizmente para eles, ao longo do seu percurso também tiveram vários professores que recorreram a outras formas de avaliação e que não se centraram apenas nos testes. Ainda que a entrada no nível secundário tende a focar o ritmo da aprendizagem nos resultados dos testes e exames e fica a ideia de que os próprios professores não têm margem de manobra para fazer diferente.

Devo dizer que continuo sem perceber porque é que os testes ou os exames são ainda, na prática, mais valorizados do que outras formas de avaliação quando me parecem muito menos fiáveis no que transmitem sobre o que os alunos “sabem” ou têm dificuldade em perceber do que, por exemplo, trabalhos de projeto (desenvolvidos individualmente ou em grupo) centrados num objetivo concreto, como por exemplo a resolução de um problema específico ou a exposição de um interesse concreto que os próprios alunos podem escolher de entre um tema da matéria que estão a aprender.

Para mim uma coisa é certa: a avaliação não nos define como pessoas. Tem basicamente valor como instrumento de orientação das aprendizagens e os métodos de avaliação deviam ser escolhidos segundo esta perspetiva. Era fundamental que encarregados de educação percebessem isso e o transmitissem às crianças e aos jovens.

Alexandra Teixeira, dirigente da Administração Pública, educandos frequentavam os 9.º e 12.º anos de escolaridade, com nível 5 e 19 valores a matemática.